

Lesamajestade

Um conto de

Emerson José Silveira da Costa.

Belém, 2016.



Lesamajestade

Desci do ônibus para a pequena estação rodoviária, aspirando o cheiro de óleo diesel queimado. A manhã se encaminhava para o meio-dia e o calor já era considerável. Resignei-me para a caminhada ensolarada que teria adiante, ajeitei a mochila ao ombro e deixei a sombra morna da estação para mergulhar na luz.

Caminhei solitariamente ao longo da estrada principal da cidadezinha, com os

olhos semicerrados por causa da claridade. Não que a paisagem familiar oferecesse muita distração, e ademais tudo estava parado àquela hora modorrenta. Nem as aves se atreviam a deixar o frescor de seus abrigos. Vez por outra um automóvel se via ao longe, surgindo e sumindo em esquinas desertas. Sem muito que ver ou ouvir, e com o crânio superaquecido pelo sol, logo estava avançando numa espécie de transe semiconsciente, concentrado nos sons ritmados que eu produzia ao andar — o chacoalhar dos apetrechos, o roçar dos tecidos, a respiração ofegante e o estalejar dos seixos calcados contra o asfalto. *Tchac... tchac... tchac...*

Após alcançar a pracinha também eu dobrei umas esquinas e cheguei ao meu destino. Havia um muro baixo e um portãozinho de madeira. Estendi o braço, girei a tramela do lado de dentro e o abri. Logo estava me recuperando da insolação à sombra da varanda, tornada ainda mais fresca por vasos de plantas e pela vegetação do terreno. Como de praxe a casa estava toda aberta. Gritei para o interior:

— Tia? Ô, tia? É o Deco. Tô aqui.

— Dequinho? Entra, meu filho. Já vou...

Sem cerimônia entrei pela porta da cozinha, peguei um copo na prateleira, abri a geladeira e me servi de água, que bebi em

grandes goladas. Tia Franci apareceu e veio me dar um abraço. Retribuí-lhe com um beijo gelado em cada bochecha.

— Cadê todo mundo, tá bem? Vieste sozinho hoje?

— Tá bem, sim, todo mundo lá. Ih, tia, a escola entrou de greve, aí tô de “férias” mais cedo. E a mamãe ainda tem umas encomendas lá para atender, então vim logo na frente.

Os sobrinhos a chamávamos Franci; o nome mesmo era Francisca. Para o resto da cidade era simplesmente Dona Chica, ou “a Chica do finado Timóteo”, quando era preciso diferenciá-la das xarás que por ali moravam.

— Vem, pendura tua mochila aqui no quarto do Ricardo. Tem este armador atrás da porta. Mais tarde eu dou um jeito no armário dele e arrumo um espaço pras tuas coisas. Se eu soubesse que tu vinhas...

Tratei de tomar um banho para me refrescar da viagem, e de volta à cozinha encontrei tia Franci preparando o almoço. Continuamos trocando novidades durante a refeição. Ao final titia bebericava uma xicrinha de café quente enquanto eu comia uma banana com farinha. Olhamos ambos para a porta que dava para o quintal ao ouvirmos um raspar do lado de fora, seguido de um breve... miado? Tia Franci me lançou um olhar estranhamente significativo.

— Hm, olha só quem está aí.

Ela se levantou, raspou as sobras de comida em uma vasilha, acrescentou um pedaço de carne cozida e caldo da panela, e saiu pela porta. Curioso, engoli às pressas o resto da banana, joguei a casca na lixeirinha e fui atrás dela.

Ela estava de pé ao lado da vasilha que pusera no chão. Um gato comia vagorosamente a comida.

— Lembras dele?

Olhei rapidamente para ela, e de volta para aquele pequeno enigma de quatro patas. Como assim? Titia nunca tivera gatos, nem nunca demonstrara interesse neles. Da família, o tio Cléber, que morava no outro quarteirão, até criava gatos, mas esse não se

parecia com nenhum dos que eu lembrava que ele tinha. Comecei a matutar outras possibilidades, quando, em meio aos movimentos que o gato fazia ao comer, percebi que tinha um olho vazado, a claridade do dia deixando entrever o interior de uma órbita. Fui acometido por uma súbita repugnância diante daquela visão, e instintivamente quis dar fim àquele inquietante jogo de adivinha.

— Tia, gato assim, cego, eu nunca...

Mas antes que eu terminasse a frase algum trejeito do animal ativou as conexões sinápticas certas, e o reconhecimento veio como um choque.

* * *

Havia um gato de rua que rondava a vizinhança e que eu eventualmente avistava quando vinha visitar os parentes. Apesar de não ter os cuidados de um lar ele se mantinha limpo, e não tinha aquele aspecto lanhado que outros gatos vadios adquiriam ao longo de sucessivas brigas. Mas a pelagem era de um tigrado nada excepcional, e nunca prestara maior atenção nele até o dia em que ele inventou de se banquetear com o curió do Rômulo, filho da vizinha de tia Franci.

Na casa da tia a família estava comendo pupunha com café como lanche da tarde quando começou a comoção no quintal ao lado. O Rômulo gritava e o curió trinava angustiado. Me levantei. Pela janela e sobre a cerca podia-se avistar a gaiola pendurada na